



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13664 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**SILÊNCIO E CRIAÇÃO NAS LINHAS LITERÁRIAS DE CLARICE LISPECTOR E CONCEIÇÃO EVARISTO: SENTIDOS À EDUCAÇÃO MÚLTIPLA**

Fabiola de Fátima Igreja - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESPA

### **SILÊNCIO E CRIAÇÃO NAS LINHAS LITERÁRIAS DE CLARICE LISPECTOR E CONCEIÇÃO EVARISTO: SENTIDOS À EDUCAÇÃO MÚLTIPLA**

Resumo: O trabalho propõe cartografar os silêncios da criação literária e seus sentidos nas escritas de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, ao encontro de uma educação múltipla, buscando experimentar *blocos de sensações* e fabular devires ao existir múltiplo de mulheres. Para tanto, o percurso metodológico se faz pela cartografia, pesquisa-intervenção pela qual se experimenta a escrita de mulheres e suas entrelinhas, versejando sentidos e desafios à educação. Nesta jornada tem-se a companhia de intercessores como Deleuze e Guattari (1995, 2016,) Deleuze (1997), Costa (2022), Lispector (1998), Evaristo (2014). Em seus primeiros movimentos da pesquisa nota-se a multiplicidade do silêncio da criação, suas muitas linhas tramadas em vivências que ressoam nas entrelinhas da literatura. Vê-se que os silêncios que habitam as escritas destas mulheres são vastos e percorrem muitas dimensões da existência, provocando inquietudes e compondo sentidos a uma educação múltipla.

Palavras-chave: Silêncios, Criação, Educação Múltipla, Clarice Lispector, Conceição Evaristo.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho propõe cartografar silêncios na criação literária de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, mapeando devires que atravessam os sentidos de uma educação múltipla. Assim, ruma-se: que sentidos emergem dos silêncios da criação literária de mulheres escritoras, nas derivas de uma Educação Múltipla? Para tanto, envereda-se por movimentos

conceituais como blocos de sensações, função fabuladora e educação múltipla, que dão a pensar a potência pluridimensional destas autoras na Educação Múltipla.

*Função fabuladora* é termo “roubado” de Deleuze (1997). Fabular é criar, “Inventar um povo que falta” em um gesto político-literário. Agenciar modos de existir pela arte, literatura, pelos movimentos políticos. Quer-se pensar este agenciamento a partir dos blocos de sensações. Ao falar sobre a arte como blocos de sensações os filósofos dizem que “as sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE E GUATTARI, 2003, p. 212).

Educação múltipla, termo tramado na escrita de dissertação, encontra a proposta de pesquisa-escrita atual. Ao pensar este conceito as conexões se deram por meio da arte e da literatura. Educação Múltipla se dá na possibilidade de criar modos outros de experimentar viver para além de sistemas binários baseados na exclusão e na hierarquia social.

Interessa a “dimensão inquietante” e criativa do silêncio que percorre as literaturas destas mulheres para tecer discussões em torno da Educação como potência de multiplicidades. A importância da literatura de mulheres para a formação humana em seus sentidos negligenciados por modelos de educação cada vez mais mercadológicos. Para tanto, pensar a força da educação em suas linhas é mover-se em campos potentes do aprender e do sentir.

## **PROCESSOS METODOLÓGICOS**

O “acontecer indeterminado da pesquisa viva” que Costa (2022) cita ao escrever a respeito da pesquisa cartográfica movimenta a ideia de plano de composição na perspectiva desta pesquisa cartográfica, uma pesquisa-intervenção sem modelo estabelecido a seguir, onde trama-se zonas de aproximações. Há sempre um percurso a mais na construção deste mapa. Inquietudes com algo que surge no caminho faz despontar um novo passo, indeterminado, embora com muitas pistas a seguir. As linhas do mapa se atravessam entre silêncios que habitam as entrelinhas da escrita destas mulheres. Se entrelaçam em uma dança da vida e seus muitos abismos. Na pesquisa cartográfica o acontecer disto só pode ser vislumbrado ao longo do percurso, e a partir do que chega à pesquisadora nos processos de criação, das vivências de pesquisa e depois, na criação da escrita.

A escrita feminina tece linhas para acessar possibilidades de sensações envoltas em silêncios e suas ressonâncias criadoras. Deste modo, vozes-escritas como Clarice Lispector e Conceição Evaristo, constituem a linha feiticeira que transpassa e margeia as abordagens em torno do silêncio da criação literária. A pesquisa caminha com escritoras mulheres e suas narrativas, pois suas vozes, seus devires minoritários (DELEUZE e GUATTARI, 1995) suas questões e silêncios interessam a um existir coletivo e precisam reverberar na educação. Além

de companhias que oferecem pistas, tais como Deleuze e Guattari (1995, 2003,) Deleuze (1997), Costa (2022).

### **DERIVAS EM MARES INTENSIVOS: CIDA E LORI.**

Ao tatear a relação entre existência e educação múltipla por meio dos silêncios na literatura, imerge-se em diversas questões, dentre quais, as inquietudes que cercam a vida das mulheres personagens fabuladas pelas autoras, seus medos, incertezas, alegrias, sensações que não se pode verbalizar, posto que a palavra não alcança, este, problema da expressão que Clarice aborda em muitas obras, a impossibilidade de verbalizar a imensidão de sensações que atravessam a existência de suas personagens, desaguando no silêncio como espaço crucial de fortuitos encontros consigo. Tal silêncio abriga dimensão criativa, como diz Evaristo em seu poema “ Da calma e do silêncio”. O silêncio funda a poesia que alcança abismos. A vida em seus abismos, tocando em questões que o automatismo cotidiano deixa escondido, sufocado, como uma parte secreta que não se divide com ninguém.

Este silêncio em Clarice muitas vezes desponta como uma espécie de epifania, termo adotado por críticos da autora para descrever momentos em que suas personagens experimentam um encontro com um desconhecido que as despertam para algo, de súbito, ou, entre um longo percurso intensivo, uma paixão, uma aprendizagem, uma despertar. Este percurso intensivo pulsa nos silêncios e suas sensações para criar outras existências para si. Nesse percurso as personagens tecem aprendizagens de si, modo como atrevessem a linha reta e estática que o cotidiano teima oferecer. É neste mergulho interno, que extravasa para o encontro com o mar, tão presente nas obras de Clarice, que Lori vivencia suas sensações, entre angústia e alegrias, desperta para uma solitude bonita e necessária.

Seria uma epifania o que viveu Cida, a personagem do conto de Evaristo? Desde muito pequena entrara em um tempo acelerado, corria em uma disputa consigo mesma, determinada pelas estruturas sociais que a cerceiam. “O cooper de Cida” a fazia negligenciar suas sensações, seus silêncios, o silêncio de criação em torno de si. “Ela era uma desportista natural. Corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguido tempo do viver.” (EVARISTO, 2014, p. 69). O tempo das coisas era medido pelo apressado tempo de chegar às determinações. Mas ao se deparar com o mar em um dia comum, desacelera e percebe a si mesma:

Todos os seus membros estavam lassos, só o coração batia estonteado. Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então de que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr. Envergonhou-se dos orgasmos premeditados, cronometrados que vinha cultivando até ali. (EVARISTO, 2014, p. 71)

Pela primeira vez mergulha em um silêncio que a faz criar nova conexão com as coisas e consigo mesma, fazendo-a perceber e sentir as coisas ao seu redor e dentro de si. Interessa pensar esta cena que Evaristo cria, a transição do olhar de Cida sobre si mesma, varrendo a estrutura social e suas linhas de captura de seu corpo e de sua subjetividade para devir-mulher, o que implica mergulhar em si, primeiro despindo o tênis de corrida, desacelerando os passos, comungando os detalhes das coisas, experimentando a sensação causada pelo mergulho no mar que ela observou de longe, “e só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela” (EVARISTO, 2014, p. 74). Criar para si linhas de fuga, onde o silêncio aparece como um tempo outro, janela que a faz olhar o mundo que sempre habitou pela primeira vez, rompendo um tempo opressor no qual ela se via obrigada a habitar, silenciando suas sensações, medos, desejos, inclusive um amor por si que nasce nesse encontro com a criação, seus silêncios nascem na possibilidade de calar a velocidade dilacerante para ouvir o inaudível. As batidas do seu coração.

É como a personagem de *Uma aprendizagem ou os livros dos prazeres* de Clarice Lispector, ou de Marcela Lordy, diretora do longa adaptado do livro em questão. Lori, personagem de ambas obras, caminha em um labirinto à procura de si, não sabe traduzir em palavra o que pulsa. Lança mão da linguagem poética para expressar, dentro de si há um cavalo forte e assustado ao mesmo tempo. Talvez esse seja um filme sobre encontro. Lori é uma personagem que “cose para dentro” como disse Clarice. À deriva. Se encanta pelo mar, mas não entre nele, assim como reluta descer a seus porões.

Procurar a si, de algum modo, é doloroso, não recusar, não fugir de processos faz nascer esse incomodo nauseante de viver. Mas, a Lori descobre que “não dá pra cortar a dor, senão a gente sofre o tempo todo”. Angustia é pior que dor, não se sabe de onde vem. A Lori angustia-se em detalhes dos escritos e pinturas da mãe, do irmão machista, de seus encontros casuais, da liberdade que tenta construir sob o medo de amar. Mergulhou no mar na madrugada, “foi como tocar deus”, encontro sagrado esse de ir aprendendo amar a si de um jeito silencioso e vasto, como um mergulho corajoso no mar em plena madrugada. Aportar em suas sensações. “Não ter medo daquilo que é, ao mesmo tempo, selvagem e suave”. Interessante a cena em que ela vai até Ulisses e diz não poder ainda, pois precisa estar só. Foi como ouvir o que seus silêncios ressoavam.

O mar para Lori e Cida aparece como um signo de imagem criadora de um encontro fluido e potente com suas derivas intensivas. Olhar o mar parece ser portal para entrar em um tempo outro para Cida. Assim como mergulhar é para Lori o encontro com sua calma. O tempo da criação é o tempo fluido e potente que lancina, interrompe o percurso “natural” para tecer caminhos tortos, complexos que é por onde se pode criar a si de maneira a respirar novamente. Respirar novamente, nascer outra vez, é este o acontecer fluido, vasto e dissidente que as personagens criam para contrapor-se ao que lhes foi imposto.

Este modus operandi do mundo acelerado, normalizado, determina como as relações se estabelecem com os outros e consigo. Como o educar, o ensinar, o aprender devem acontecer, em que tempo, quais subjetividades, com que sensações e o que elas irão produzir em cada corpo. Além de estabelecer como lidar com tais sensações assim como Cida ou Lori lidou grande parte do tempo de sua vida. Olhar para a potência dessas personagens-mulheres alertam à importância de criar um tempo outro a cada vez, onde se possa nascer, devir, questionar, ruminar, caso contrário corre-se o risco de aceitar as coisas e apenas correr sem parar para alcançar.... a quê mesmo?

Estas questões trazidas pelas escritoras através de suas personagens, atravessam a educação, não são máquinas os sujeitos que a compõe. A educação é também espaço de uma desterritorialização que questiona as produções de subjetividades e os modos de existir no mundo. Há nesta breve experimentação da pesquisa, um entendimento da importância de tal questão para um educar mais potente, múltiplo, sensível, sobretudo, ratificando a necessidade de disciplinas das ciências humanas como literatura, artes e filosofia, fundamentais à formação humana.

### **MERGULHOS FINAIS**

A relação entre literatura, gênero e educação a partir das sensações que pulsam desses silêncios, se entrelaçam fazendo olhar para a condição humana de maneira mais sensível, sabendo que se está em constante devir, experimentando essas sensações e emoções que atravessam nossas aprendizagens. Tais questões se relacionam à educação múltipla ao contestar um modo de educar instaurado na mecanização da aprendizagem. Observa-se a arte, a filosofia, a literatura, disciplinas que instigam à fruição e ao questionar, serem postas como secundárias em favor de um currículo mais mecânico que prioriza projetos de vida atualizados com as normas do sistema econômico-social. Por isso tais questões devem ser levantadas, sua importância está justamente naquilo que se quer aniquilar, o questionar das coisas que torna o ser uma incompletude dando espaço a possibilidades de recriar a si, a criar modos de vida com os múltiplos silêncios que compõem as existências.

### **REFERÊNCIAS**

COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias literárias nas artes de escrever-pesquisar. In LEMOS, Flávia Cristina Silveira *et. al.* (Organizadores). **Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias.** – Curitiba: CRV, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.3.** Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

EVARISTO, Conceição. O cooper de Cida, em **Olhos D´agua.** Pallas Mini. 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** Rio de Janeiro: Rocco. 1998.